



ELEMENTOS CULTURAIS DOS ÍNDIOS GUARANI NO RIO GRANDE DO SUL

DELLA MEA, Alex¹; FREITAS, Vânia Maria Oliveira de²;
CAMARGO, Maria Aparecida Santana³

Resumo: A cultura guarani prestou importante contribuição para a origem e o desenvolvimento da identidade do gaúcho nos dois lados do rio Uruguai. Conhecer um pouco mais essa cultura, sua estrutura simbólica, sua língua, seu modo de ser, sua religiosidade e sua história se faz de suma importância para o desenvolvimento de um estudo futuro acerca da constituição da(s) identidade(s) do povo gaúcho. Apresentamos aqui um breve estudo, baseado em material bibliográfico, com destaque para as obras de Bartomeu Meliá, Antonio Ruiz de Montoya e Pierre Clastres, contribuições da história e da antropologia que nos fazem refletir sobre os vários aspectos e características que fundamentam a cultura e a vida guarani. Aliados a observações de campo no convívio com uma aldeia guarani, buscamos fundamentar nosso estudo com o propósito da coleta de elementos dessa cultura que sejam relevantes para a construção simbólica do gaúcho, sobretudo do gaúcho brasileiro.

Palavras-Chave: Cultura. Identidade. Língua. Gaúcho. Religiosidade.

Abstract: The Guaraní culture provided an important contribution to the origin and development of the identity of the gaúcho on both sides of the River Uruguay. Knowing a little more often this culture, its symbolic structure, their language, their way of life, their religion and their history is of paramount importance for the development of a future study of the constitution (s) identity (s) of the people gaúcho. Here we present a brief study, based on reference material, especially the works of Bartomeu Meliá, Antonio Ruiz de Montoya and Pierre Clastres, contributions of history and anthropology that make us reflect on the various aspects and characteristics that underlie culture and Guarani life. Combined with field observations in living with a Guarani village, we seek to base our study with the purpose of gathering elements of culture that are relevant to the symbolic construction of the gaúcho, especially the Brazilian gaúcho.

Key Words: Culture. Identity. Language. Cowboy. Religiousness.

¹ Mestrando em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ. Psicólogo. E-mail: alexdelamea@yahoo.com.br

² Doutora em História, orientadora do artigo e do Projeto de Mestrado do PPG-PSDS (Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social) da UNICRUZ. E-mail: vfreitas@unicruz.edu.br

³ Doutorado em Educação, professora da Disciplina de Diversidades Culturais e Interações Sociais do Programa de Pós-Graduação em Práticas Socioculturais e Desenvolvimento Social da UNICRUZ. E-mail: cidascamargo@gmail.com



Introdução

A constituição social e identitária do Rio Grande do Sul envolveu vários atores, cada qual com suas contribuições de todos os matizes, seja do ponto de vista objetivo como subjetivo, dando origem ao surgimento do gaúcho brasileiro. O europeu, o negro e o indígena contribuíram de maneira singular para o surgimento do povo gaúcho e do sentimento emanado por esse povo na contemporaneidade.

A partir da leitura das obras de Meliá, Montoya e Clastres, neste artigo buscamos identificar alguns elementos da cultura indígena dos Guarani que tenham dado suporte ao alicerce da cultura gaúcha e a construção subjetiva desse povo. Para tanto, cabe inicialmente abordar um pouco das características etnológicas do índio guarani, bem como uma breve abordagem histórica do mesmo a partir da etno-história dos Guarani.

A pesquisa e sua metodologia na busca dos resultados

Pesquisa bibliográfica realizada a partir dos escritos de autores como Bartomeu Meliá, Antonio Ruiz de Montoya e Pierre Clastres, além de observações no convívio com a aldeia guarani da granja Vargas, no município de Palmares do Sul. Podemos dividir em quatro categorias os autores que escreveram e documentaram acerca dos Guarani, cada um com objetivos diferentes, bem como também em épocas diversas.

Os primeiros a relatar algo foram os marinheiros, que de passagem apenas os observavam e escreviam algo de maneira descritiva do que viam objetivamente, de forma estereotipada, como se fotografassem o tipo físico dos Guarani. A segunda categoria é a dos administradores e burocratas, pessoas que estavam diretamente a serviço das coroas portuguesa e espanhola, que escreviam visando à possibilidade de dominá-los e modificar seu modo de vida, transformando-os em sujeitos a serviço das coroas.

Outros que escreveram, e muito, sobre os Guarani foram os padres, sobretudo os jesuítas espanhóis que tinham como objetivo o cumprimento da missão, da redução dessa cultura ao catecismo, ao cristianismo, à conquista pelo valor simbólico da palavra, da fé, da subjetividade. Existem ainda os viajantes e aventureiros, entre os quais alguns literatos, movidos pela curiosidade; muitos acabaram se apaixonando por essa cultura e passam a



escrever sobre ela, além dos bandeirantes que buscavam transformá-los em escravos e mercadorias.

As principais características etnológicas do povo Guarani ainda não colonizado ou anterior à redução, podem ser descritas em seis categorias, que passamos a enumerar. É uma nação que fala a língua guarani; a migração; é horticultor e aldeão; pratica a economia da reciprocidade; vive na sociedade sem estado; é fiel à religião da palavra.

O Guarani como Nação

Ao longo da história são diversas as denominações atribuídas aos Guarani, como muitas são também as tribos encontradas no vasto território por eles ocupados. Para nosso estudo vamos destacar os uruguaiguá, canoieiros do Uruguai, os tape, antigos habitantes do território do atual Rio Grande do Sul e os mbiá. Na língua guarani, de acordo com Montoya, não há uma definição exata para o uso do termo guarani. Segundo o professor Bartomeu Meliá, o termo é usado para definir o “guerreiro”.

Já em 1537, os espanhóis começam a formar em território paraguaio a chamada “sociedad criolla” ou o guarani paraguaio, com a colonização e a escravidão de Guarani de diversas tribos, principalmente os kaiová. Eles foram colonizados e explorados de duas formas: havia o “yanacona”, o homem de serviço, o escravo propriamente falando, e o “mitayo”, que por sua vez era o homem da “encomiendas”, que prestava serviços temporários aos espanhóis.

Quanto a essa etnologia da conquista, vemos claramente que o conquistador/explorador é o centro. Vive-se sob uma economia agrícola, em que o guarani serve ao branco como mão de obra no trabalho agrícola e como auxiliar de guerra, nas batalhas contra outros povos indígenas, até mesmo Guarani. No território brasileiro os Guarani também serão usados pelos bandeirantes para exploração e expansão territorial lusitana pelo continente, tanto na exploração de minérios como na caça aos índios, principal fonte de sustentação dos paulistas, brancos ou mamelucos.

No que diz respeito ao objetivo do presente trabalho, devemos nos ater mais ao estudo e análise dos Guarani situados mais ao sul do Brasil, nordeste argentino e o Paraguai. Nesse território teve grande sucesso a incursão jesuítica para a redução dos Guarani e a formação dos povoados missioneiros sob a égide da santa cruz de Lorena.



Particularmente, nos interessa abordar os Guarani formadores do ciclo missioneiro: o itati, o paranaiguá, o guayrá, uruguaiгуá e o tape. Dentro desses grupos encontraremos várias tribos, como nhandeva, chiripá e mbyá. Todos eles são denominados genericamente de Guarani.

Com relação ao tape, cabe esclarecer que se trata de uma denominação meramente geográfica do guarani do lado oriental do rio Uruguai, atual território do Rio Grande do Sul, sendo esses pertencentes ao tronco dos mbyá. O principal parâmetro de distinção entre esses povos, além da sua localização geográfica e alguns costumes, é a língua ou o dialeto guarani que falam.

A língua guarani como marca cultural

O idioma guarani antigo, assim como o tupi antigo, é derivado de uma mesma matriz anterior. Hoje parece um grande engano pensar a existência de uma língua tupi-guarani como tal. Parece claro que o tupi é um conjunto de idiomas. Já o guarani, por sua vez, é um conjunto de dialetos. Podemos falar em família tupi-guarani como forma de generalização dos idiomas nela contidos, que chegam hoje no Brasil a ser formados por mais de vinte idiomas diferentes, alguns, como o guarani, subdividido em dialetos. Esta família linguística se destaca ainda pelo vasto espaço territorial em que é encontrada na América do Sul, desde a Amazônia até a pampa.

Vemos, então, que se fala em tupi-guarani como conceito arqueológico, como uma convenção ou então como um conceito linguístico, que abrange em torno de quarenta idiomas na América do Sul, sendo um deles o guarani com seus dialetos. Podemos considerar o tupi antigo, ou tupinambá, e o guarani antigo como línguas clássicas da América do Sul, juntamente com o quéchua da região andina, principalmente devido à importância histórica que têm na formação dos atuais estados do Brasil, Argentina e Paraguai.

Especificamente sobre a língua guarani pode-se afirmar que ela existe como uma abstração que recolhe elementos comuns de cada dialeto e serve como referência a um tronco ou uma família linguística. A língua guarani é formada por cinco dialetos, que passamos a citar. O mbyá, também escrito como mbüa ou mbia; o pai, ou kayová, ou ainda kaiwa; o Ava-katu, ou txiripá ou ñandeva; o chiriguano, ou Ava, simba ou isoso; o guarani paraguaio, ainda hoje falado como idioma oficial no Paraguai.



Atualmente, três desses idiomas são falados no Brasil: o kaiowá e o Ava-katu, na região oeste e centro-oeste e o mbyá, o mais distribuído geograficamente, em praticamente todo o sul e o sudeste brasileiro, além de parte dos territórios do Paraguai e da Argentina. O chiriguano é restrito ao altiplano e região amazônica da Bolívia.

Nota-se a importância da língua guarani, sobretudo o dialeto mbyá, para o nosso estudo. A principal referência são as obras “Vocabulario y Tesoro de La lengua guarani- mas bien tupi” e a “gramática de La lengua guarani” de Antonio Ruiz de Montoya, construídas em contato direto com os nativos, no século XVI. São obras pioneiras na tradução do guarani para o espanhol. A língua é um recurso fundamental para o entendimento da mitologia guarani, sobretudo por ser um idioma presente, ainda hoje, com muitos dos seus dialetos.

Guarani: uma característica – migração

Uma das características fundamentais do povo Guarani é a migração, diferente do nomadismo⁴ realizado pelos povos vizinhos como Kaingang, Charrua e Minuano. A partir dessa constatação, surgem algumas incógnitas para os estudiosos dessa cultura. De onde migram? Qual o centro de dispersão? Quais as rotas de migração? Quais os pontos de chegada? Quando teve origem a migração e as etapas da mesma? Quanto a forma, seria linear ou radial? O que motivou a migração? Enfim, uma série de questões que se colocam como ponto central desse estudo.

Os pontos de partida e chegada, bem como a rota, as datas e as etapas da migração são questões que só encontram respostas em suposições de alguns autores. O professor Bartolomeu Meliá supõe que a dispersão se deu a partir dos atuais territórios brasileiros do Paraná e Mato Grosso e o ponto de chegada na faixa entre os atuais territórios da Bahia e o litoral de São Paulo. Trata-se, ainda, de um campo aberto a estudos mais específicos. Para nossa análise, os temas a seguir parecem mais relevantes e significativos.

Na sua forma, a migração Guarani tanto pode ser caracterizada como linear ou radial, ou ambas, concomitantemente. Sabe-se que ela seguia o leito dos rios, seja a favor ou mesmo contra a corrente de água. Para nós, a questão central com relação à migração Guarani são os motivos que a determinaram. Existem dois elementos fundamentais: a economia e a religião.

⁴ Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira o termo significa, tribos ou povos que estão sempre a deslocar-se em busca de alimentos e pastagens.



O motivo econômico da migração é o da busca de um novo solo para o plantio das suas cultivares, tendo em vista que os Guarani são essencialmente agricultores. O esgotamento do solo para a produção os obriga a partir em busca de solo mais fértil. O segundo e mais importante motivo, culturalmente falando, é o da demanda religiosa. Tal demanda é regida pela busca da “yvy marane’y” ou a “terra sem mal”.

Embora em algumas raras situações rumasse para o oeste, a migração Guarani tinha como destino predominante a direção leste, guiada por xamãs ou pagés, que acreditavam que a “yvy marane’y estivesse além do mar. A terra sem mal dos Guarani, diferentemente do que se propõe no paraíso para os cristãos, não se situa em outro plano que não seja o plano terrestre. Pode ser comparada por analogia ao paraíso, porém terreno. O sentido e o alcance da terra sem mal para o povo Guarani é o de que seja o lugar onde possa ser possível a reciprocidade e haja solo fértil para o plantio e a colheita da divina abundância e não haja doença nem morte.

Em conversas com índios Guarani constatamos a importância da experiência de vida com eles. Todo guarani pode ser um xamã⁵, inclusive as crianças podem ser consideradas pequenos xamãs, tamanha é a sensibilidade e o respeito à experiência da sua cultura. A “terra sem males” representa um lugar cultural, onde o Guarani se faz Guarani. É o seu “tekohá”, o lugar da sua cultura, do seu modo de ser ou “ñande reko”. É a terra como reflexão simbólica e poética do Guarani.

O termo “yvy marane’y” aparece pela primeira vez com Montoya, no século XVI, como significando solo intacto. Aí não existe ainda uma conotação religiosa que aparecerá mais tarde e que persiste até hoje. Com o passar do tempo, essa significação se aproximou muito do que os cristãos atribuem à ideia do céu, como se o povo Guarani buscasse a “terra sem males” numa outra dimensão, como se fosse o céu na terra, fiéis a sua cultura. Impossibilitados de chegar à terra virgem, sua procura tornou-se ainda mais mística. O Guarani não trocou a procura da terra pelo paraíso (céu) simplesmente. O que ele busca é a terra, mesmo que seja a terra em outra dimensão, para construir o “tekohá” (lugar para viver sua cultura) e que haja relação harmônica entre três espaços: a lavoura, a aldeia e a mata que o circunda.

De acordo com Pierre Clastres (1978), a migração é uma resposta implícita contra o estado. O guarani foge do estado graças ao xamã, que lidera a busca, associando uma

⁵ Segundo o dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira o termo significa espécie de sacerdote que recorre a forças ou entidades sobrenaturais para realizar curas, adivinhação, exorcismo e encantamentos.



demanda política a uma demanda religiosa. Com relação ao destino leste da busca da “terra sem males”, Nimendaju (1989, p. 100) diz que “Tal designação para o leste vem, naturalmente, do fato de que os guarani realizam todos os seus atos religiosos com o rosto voltado para o sol nascente, aliás, a posição correta de uma pessoa ou de uma coisa, por exemplo uma casa é sempre com a parte frontal para o leste”. Ressaltemos, assim, a importância cultural da migração e do seu sentido para a construção do “teko” ou modo de ser do povo guarani.

O Guarani como agricultor e aldeão

Como vimos anteriormente, o sentido fundamental da migração Guarani é a religião. Porém, a base primordial dessa religiosidade está ligada a agricultura, isto é, o Guarani migrava essencialmente por ser um agricultor religioso.

Quando da chegada do europeu ao solo americano, os guarani cultivavam em torno de 180 espécies de diferentes cultivares, divididas em 39 gêneros, conforme informação de Meliá (1994). Destacam-se a mandioca (mandiong), 24 espécies diferentes; o milho (avati), 13 espécies; a batata (jety), 21 espécies; o feijão (kumanda), 16 espécies; o pimentão (ky’ýi) com 6 espécies, entre outros. Por sua vez, o europeu que aqui chegou não era agricultor. Eram ibéricos, descendentes dos mouros, exímios guerreiros, cavaleiros e introduziram a criação do gado nessas terras.

Os Guarani tinham um ecossistema próprio, levando em conta a fisionomia do terreno, sua geografia, seu clima e o tipo de solo, a terra, o campo ou o mato. Com conhecimento desse ecossistema os Guarani programavam seus plantios e suas safras, com um calendário florestal próprio.

O trabalho guarani é visto tanto pelo colonialismo como na redução por três aspectos: econômico, religioso e sociopolítico. A redução pode ser considerada como uma espécie de colonialismo ético, dentro dos padrões da ética cristã.

Os indígenas conhecem perfeitamente seu ambiente, sendo que para os Guarani há uma integração harmônica entre roça e mata, onde eles implantam suas aldeias e passam a trabalhar prioritariamente como agricultores, mas também com atividades secundárias como a caça, a pesca e um importante trabalho de artesanato, principalmente com plumas de pássaros na construção de adornos vistosos e coloridos, como coroas, grinaldas, braceletes, cinturões e cocares usados nas funções solenes. As mulheres desempenham papel importante na



distribuição do trabalho, desde a agricultura até às expedições guerreiras, nas quais executam a função de carregadoras.

Entre os Guarani também havia uma divisão sexual do trabalho. De acordo com os espanhóis havia entre eles um “maldito costume”, de que eram as mulheres que plantavam e colhiam para o abastecimento da aldeia e também trabalhavam como lavradoras. O trabalho feminino pode ser dividido em três categorias: doméstico (lavar e cozinhar), agrícola (plantar e colher) e o transporte (de produtos de chácaras e cargas nos caminhos). Na visão dos colonizadores espanhóis e portugueses, os homens indígenas não eram afeitos ao trabalho. De acordo com Meliá (1994), esse desinteresse pelo trabalho seria uma resposta que os homens guarani davam às exigências abusivas dos colonizadores. A transposição ideológica dessa questão é clara, dada a forma pejorativa com que os europeus se referiam aos indígenas.

Na redução, os jesuítas trabalharam no sentido de reverter essa situação, incentivando o valor do trabalho aos homens, mas no início foi notável a insatisfação dos missionários com a insuficiência do trabalho indígena. O sucesso relativo das reduções devolveu ao homem guarani o apreço pelo trabalho, o qual lhes havia sido subtraído pelos colonizadores. O trabalho na redução é essencialmente masculino.

Mas é no Guarani aldeado, nem colonizado, nem reduzido, que encontramos referências ao trabalho indígena, seja como agricultor, seja nos outros setores descritos. Eram lavradores, que semeavam nas matas e periodicamente mudavam chácaras, migrando com toda a aldeia. Ao montar um novo tekohá, cortavam as árvores pelo efeito dominó, iniciando pelas menores e finalizando pelas maiores. Para fertilização da terra usavam recursos como as queimadas e depois da primeira chuva plantavam milho, mandioca e outras raízes e legumes.

A economia da reciprocidade

A terra continua a exercer papel importante para entendermos que para o Guarani ela é o suporte fundamental para a possibilidade da economia da reciprocidade. De acordo com Meliá (1993, p. 497):

“La tierra es el soporte fundamental para La economía de reciprocidad que se resuelve paradigmáticamente em la fiesta, La forma de vida a la que El guarani aspira com plenitud: es buena aquella tierra que permite, em lãs ocasiones propicias, tener buenas e concurridas fiestas.”



A festa aqui referida é o “jopói”, que representa o motor no sistema de trabalho indígena que os incentivarão à produção da “divina abundância” através do “potyrõ” (trabalho mútuo, mutirão), para posterior distribuição igualitária entre os membros da aldeia ou das aldeias participantes do jopói. Segundo Cadogan (1959, p. 13):

“[...] habiendo conseguido la plenitud de tus frutos, darás de comer de ellos a todos tus vecinos sin excepción. Los frutos perfectos se producen para que de ellos comam todos, y no para sean objetos de la tacañeria. Dando de comer a todos solo así, solo viendo nuestro primer padre, nuestro amor a todos alargará nuestros dias para que podramos sembrar repetidas veces”.

O autor expressa nessa colocação o verdadeiro sentido da economia de reciprocidade guarani, da distribuição igualitária do objeto, do alimento, seja ele fruto da agricultura, da caça e da pesca, que também são distribuídos imediatamente. O jopói constitui a última etapa de um processo não somente econômico, mas também social e religioso.

A primeira etapa é a do “pepy”, que representa a fase social. É o convite para os vizinhos, o qual motivará a etapa seguinte, o “potyrõ”, trabalho conjunto, que por sua vez possibilitará o advento do “jopói” que, por sua vez, motivará um novo “pepy” para a nova safra. Assim é a dinâmica do funcionamento das aldeias, deixando ao europeu a impressão de que os Guarani viviam para o desperdício, para a festa sem se importar com o que comer no futuro. O jopói configura-se como a festa da distribuição da divina abundância entre os participantes. O termo jopói se traduz por mãos abertas reciprocamente palmeadas para o céu, de acordo com o “tesoro de la lengua guarani”, de Montoya.

Para os Guarani, a economia da reciprocidade adquire três características. É uma economia generalizada, para todas as aldeias e linhagens, é equilibrada, igualitária, e no que diz respeito às expedições guerreiras entre tribos ou aldeias, ela assume a conotação da negativa ou da vingança, exercida pela prática ritualística da antropofagia com o inimigo apreendido. Se este consegue a fuga, é comido pelos próprios parentes e companheiros da sua aldeia, em nome do respeito ao ritual sagrado. Em geral, ao ser sacrificado neste ritual, cabe ao indivíduo se entregar a ele sorrindo pela certeza da vingança dos seus que futuramente, segundo crê, praticarão o mesmo ritual com o inimigo. Isto está ligado diretamente à religião guarani.

A mola mestra da economia da reciprocidade é o dom, o compromisso que se firma entre aldeias ou indivíduos para a reciprocidade, independente de qualquer contratempo. Em



voz guarani, é o “mba’e”, ou coisa de. Mas nem todos podem dar a qualquer e receber de qualquer. Há uma ética entre eles que define funções, tanto numa posição quanto em outra.

Tanto na economia da reciprocidade do guarani aldeado quanto na economia missioneira das reduções vamos encontrar a noção de “tupamba’e”, que representa o meio de produção comum, a terra comum, a chácara comunitária da aldeia ou do povoado, onde se realiza o potyrõ e a distribuição igualitária dos seus frutos e, no caso das reduções, se há excedente, o mesmo é comercializado com a colônia. O excedente do jopói, por sua vez pode ser trocado com outras aldeias. Além do tupamba’e, também encontramos o “avamba’e” ou coisa do homem que representa uma economia informal, das hortas familiares, onde também pode acontecer o potyrõ. No caso das reduções, cerca de 2/3 da produção do tupamba’e era pago em tributos da coroa espanhola. Com o 1/3 restante era garantido o provimento dos povoados, e se ainda houvesse excedente, era comercializado com os espanhóis.

A sociedade sem Estado

Na sua organização social e política os Guarani, dentro do possível, ignoram a possibilidade da existência do estado. Mesmo nas reduções a sua estrutura social e política era o mais independente possível da coroa espanhola, o que inclusive foi decisivo para a destruição das reduções por parte dos reinos de Portugal e Espanha, na guerra guaraníca. Porém, o fato de rejeitar o estado não significa afirmar que eles não tivessem uma organização ou estrutura social e política. Eles tinham, e muito bem estruturada.

O centro dessa organização social guarani é “pa’i”, o “senhor da palavra”, um homem que possui um tanto de xamã e profeta. Um homem tranquilo e sereno, o dono da palavra, chefe de uma extensa família. Em geral um ancião. Aliás, os velhos possuem muita importância e expressão na organização social dos Guarani. O “pa’i” é o único capaz de oferecer a abundância, fazer o “pepy” (convite) para seus próximos. Há também a figura do “ñande ru” ou nosso pai, outro homem que representa autoridade e detém certo prestígio entre os membros da aldeia, porém com poder reduzido. É uma espécie de conselheiro.

Na hierarquia Guarani existe ainda a figura do “cacique”, com menor influência e prestígio em relação aos anteriores. Na redução, o cacique foi figura de autoridade. Esse, divide-se em três categorias: o cacique propriamente dito, também denominado “pa’i” ou “mburuvicha ou morumvichava”, o “Karaí” ou “Carai” que era o feiticeiro com poder de cura



e o “Pagé” que era o mago. Nas reduções, os Karáí praticamente desapareceram, os pagés mesmo perseguidos continuaram, como “remanescentes do diabo” para os cristãos.

Havia, ainda, a instituição do “aty”, uma espécie de assembleia, reunião que representava o principal órgão de governo das comunidades maiores. O mburuvicha fazia as partes de executor da assembleia para tarefas mais ou menos concretas, como, por exemplo, eclodir uma guerra. Este era uma espécie de capitão dos Guarani.

Houve nas reduções uma tentativa de recomposição do sistema social guarani de uma forma um tanto distorcida, pois além de excluir as figuras míticas como o pagé e o karáí aconteceu uma apropriação do sistema pelos padres. O pa’í passa a ser um padre, alguém externo à cultura guarani. O cacique passa a ter uma função semelhante a do mburuvicha e se constitui no elemento indígena mais alto na hierarquia das reduções jesuítico-guarani. Existia ainda o “cabildo”, uma espécie de colegiado, câmara ou assembleia, além do “político”, que eram os índios obedientes e fiéis ao governo da redução. Como se pode observar, a sociedade guarani sem a interferência europeia, seja dos jesuítas ou dos colonizadores, só pode ser concebida como uma sociedade sem estado, anárquica e organizada, capaz de sustentar-se em todos os aspectos.

A religião da palavra

A questão mais importante relativa à cultura guarani está na religião, indubitavelmente. De acordo com Montoya e Clastres, trata-se de uma religião essencialmente ateuísta, sem referência a um deus ou deuses específicos.

A religião guarani possui características peculiares, como a marcante relação com a terra, além da importância da palavra como o sagrado para eles. Nenhum deus em especial é objeto de adoração ou culto. A busca da “terra sem males”, quase sempre sob a liderança do xamã e, como vimos anteriormente, na direção leste a caminho do mar, é um dos elementos marcantes da religião guarani. Aliado a isso, também são elementos importantes para a religião os sonhos, os cantos e o ritual da antropofagia.

Ausente a adoração a um único deus, os Guarani têm no ritual a sua principal doutrina. Trata-se de uma religião da “palavra ritualizada”. E essa ritualização se dá no real do corpo, através dos seus cantos e das suas danças religiosas. O Guarani na sua “escola” não aprende a falar, mas apenas cria as condições para que a palavra se faça. A palavra é que dá origem ao amor, isto é, a palavra é algo refletido sobre si mesmo.



Existem muitos cantos sagrados entre os Guarani, dos quais destacamos três: o “purahe’i” ou “purajei”, canto religioso de longa duração que pode durar toda a noite e faz parte do folclore paraguaio ainda hoje. Trata-se de um canto de reflexão, cantado durante o ritual do jopói, a festa. Há ainda o “kotyu”, canto mais breve e de caráter festivo, e o “guahu”, breve e de lamento.

Os sonhos funcionam para os Guarani como um espécie de profecia, premonição, em geral ligada à busca da “yvy mane’i”. Por sua vez, o ritual da antropofagia era praticado em expedições guerreiras de uma tribo ou aldeia contra outra, no qual aquele que se deixava prender pelo inimigo seria condenado ao rito. Mesmo que fugisse seria comido por seus comparsas em respeito à religião e ao empenho da palavra. Conforme Meliá (1993, p. 498):

“Para El guarani, La tierra no es un dios, pero está impregnada toda Ella de experiencia religiosa. Hay una tierra ideal e um ideal de tierra, creada por El primer padre y puesta al cuidado, eventualmente, de otros seres divinos, que La protegen y difienden”.

As palavras de Meliá dão a dimensão que a terra assume para o fundamento da religião guarani. Mais ainda, para toda a vida guarani e sua cultura. Podemos afirmar, a partir disso, que a concepção religiosa do Guarani sobre o universo tem a terra como fundamento essencial. Encerrando a questão acerca da religião da palavra dos Guarani, ilustramos com um trecho da poesia de um índio guarani no seu anonimato. Diz ele:

[...] lós Juruá – ‘los bigotudos’ -
Llegaran a nuestra tierra
Y nos quitaran La tierra
Entraran em nuestros montes
Y acabaran con nuestros montes,
Empezaran a cazar
Y ternimó La caza,
Conocieran nuestros costumbres
Y estropearan nuestros costumbres,
Aprendieran nuestra lengua
Y nos hicieran hablar otra lengua;
! No, no podemos dejar
Que conozcan nuestro
‘TEKO MARANGATU’
(nuestra religión)

Considerações finais

A proposição deste estudo é a de fazer uma abordagem preliminar sobre a cultura Guarani que nos permita ter acesso a alguns subsídios para análise futura da produção da



subjetividade⁶ e da constituição da(s) identidade(s) do gaúcho brasileiro. Procuramos, aqui, apresentar breves pinceladas dentro de três aspectos da história Guarani, o guarani tribal, o colonial e o reduzido, a partir da leitura da etno-história, pensando a inexistência de uma história universal, crenças de que cada cultura constrói a sua própria história de forma diversa, para ser analisada e respeitada. Não pensamos fechar questão, senão abrir espaço para novos estudos e a ampliação de um campo de conhecimento que muito tem a colaborar para o entendimento da formação cultural e identitária do povo gaúcho.

Referências

- CADOGAN, Leon. Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guarani del Guairá. São Paulo: USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Boletim 227, Antropologia 5, 1959.
- CLASTRES, Pierre. A sociedade Contra o Estado: Pesquisa de Antropologia Política, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- MELIÁ, Bartolomeu. El Guarani conquistado y reducido, Asuncion: biblioteca paraguaya de antropologia vol. 5, 1993.
- _____. O Índio no Rio Grande do Sul: Quem foi? Quem é? O que espera?, Frederico Westphalen: Pastoral indígena interdiocesana norte, 1984.
- _____. Mundo guarani, Assuncion: Servilibro. 2011
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. Vocabulario y Tesoro de la Lengua Guarani, Asuncion: Cepag, 2011.

⁶ Subjetividade é algo que varia de acordo com o julgamento de cada pessoa, é um tema que cada indivíduo pode interpretar da sua maneira, que é subjetivo. Subjetividade diz respeito ao sentimento de cada pessoa, sua opinião sobre determinado assunto. Subjetividade é algo que muda de acordo com cada pessoa, por exemplo, gosto pessoal, cada um possui o seu, portanto é algo subjetivo. O tema subjetividade varia de acordo com os sentimentos e hábitos de cada um, é uma reação e opinião individual, uma vez que cada um dá valor para uma coisa específica. A subjetividade é formada através das crenças e valores do indivíduo, com suas experiências e histórias de vida. O tema da subjetividade é bastante debatido e estudado em psicologia, como ela se forma, de onde vem.